

SOUSA,
Gabriela Lúcio de

MULHERES DO PATRIMÔNIO E DA CULTURA MATERIAL

Gabriela Lúcio de Sousa¹

RESUMO

O presente capítulo reúne as mulheres estudadas no grupo de pesquisa *De/Sobre/Feitas por Mulheres* com atuação prioritária no campo do patrimônio e da cultura material. A maioria delas já possui certo reconhecimento em suas áreas de atuação profissional, e esse capítulo nasce com a intenção de reafirmar a relevância das mesmas, bem como apresentar essas mulheres a quem não as conhece. Serão comentados alguns pontos das histórias delas e seus espaços de atuação, em seguida serão listadas as minibiografias oficiais, culminando em um resumo bibliográfico da produção acadêmica das profissionais citadas.

INTRODUÇÃO

O recorte proposto para a investigação no grupo *De/Sobre/Feitas por Mulheres* abordará as profissionais da área do patrimônio cultural e da cultura material, com três vertentes específicas: mulheres que trabalham com conservação e com o estudo de têxteis; mulheres que trabalham com estudos e docência de conservação e restauração; e, por fim, mulheres relevantes e reconhecidas na museologia.

A escolha se dá a partir da proximidade: sou formada em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, durante a minha graduação, trabalhei estritamente com os três recortes descritos acima. Concluí a universidade dissertando sobre o estudo e a conservação de duas indumentárias pertencentes ao Museu Casa de Rui Barbosa; trabalhei com gerenciamento ambiental, microbiologia aplicada à área de preservação e conservação de papel. Ou seja, em meios diversificados dentro do campo. Por fim, estive em museus desde o início de minha formação profissional, envolvida com a conservação e o restauro dos acervos nos espaços museológicos.

As mulheres escolhidas possuem três questões em comum, sendo a primeira delas

¹ Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (PPGCINF-UnB). Graduada em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi bolsista no Museu Casa de Rui Barbosa com o projeto de pesquisa “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público”, mesma temática da pesquisa de conclusão do bacharelado citado acima. Atualmente é Diretora-chefe da Revista *Desvio*.

a região: todas são latino-americanas. A segunda questão é que as estudiosas aqui citadas não são desconhecidas para aqueles inseridos no campo do patrimônio e da cultura material, diferente de outras mulheres presentes nesta publicação. Muitas delas são grandes referências em seu campo de estudo. E, por último, o fato de todas terem sido usadas em minhas pesquisas. Por isso, já vivenciei na prática o que proponho com essa publicação: o uso de teorias e estudos de mulheres em pesquisa científica nesse campo.

Enquanto trabalhadora e pesquisadora da área, acredito que essa pequena compilação – que merece continuções – possibilitará a visualização dessas mulheres enquanto teóricas e especialistas de seus campos profissionais. Destaco aqui que utilizei em minhas pesquisas muitas outras mulheres com teorias e estudos demasiadamente interessantes, porém, parto aqui do que considero um conjunto básico de estudiosas, tendo em vista as características anteriormente explicitadas.

Advindo dessa justificativa, os recortes serão estruturados da seguinte forma: o primeiro tópico, intitulado *A conservação de têxteis e o gênero: o “trabalho das mulheres”*, será dedicado aos trabalhos com têxtil e sua desvalorização, na medida em que considerado como não-campo nas “Belas-Artes”. As mulheres abordadas dentro desse recorte são: Maria Tereza de la Luz Toca Porraz, Rita Morais de Andrade e Teresa Cristina Toledo de Paula.

O segundo tópico, *Preservação, conservação e restauração: entre a teoria, prática e docência*, pretende não apenas divulgar o conhecimento dos estudos dessas mulheres, mas ressaltar suas formações acadêmicas e seus campos de trabalho. Apresentam-se os trabalhos de: Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, Milagros Vaillant Callol e Solange Sette Garcia de Zúñiga.

Por fim, o terceiro tópico, *Museologia no Brasil: campo das mulheres*, semelhante ao segundo tópico, pretende evidenciar histórias de museólogas conhecidas por suas atuações na área. Serão citados quatro importantes nomes: Manuelina Maria Duarte Cândido, Maria Cristina Oliveira Bruno, Marília Xavier Cury e Waldisa Rússio Carmargo Guarnieri.

A CONSERVAÇÃO DE TÊXTEIS E O GÊNERO: O “TRABALHO DAS MULHERES”

[...] os tecidos, certamente por terem sido sempre associados ao gênero feminino, foram muito inferiorizados como objetos de estudo se comparados a outras tipologias materiais. Arte decorativa, arte menor, artesanato foram algumas das denominações atribuídas aos tecidos por um mundo masculino, de homens viajantes, homens cientistas, homens de Deus, homens historiadores e homens de museu. O estudo dos tecidos – em vários países do Hemisfério Norte. (PAULA, 2012, p. 55).

Os estudos teórico-práticos relacionados a determinados objetos, assim como tantas outras relações humanas, foi permeado por questões de gênero e patriarcalismos. Em seu livro, *The study of dress history*, Lou Taylor comenta sobre a academia

masculina tratada como academia “real”² (TAYLOR, 2002, p. 1).

The historical prejudices against the female consumer are legion... Women have been relentlessly derided of their pretty materialism and love of ostentation. An allied tradition of socialist analysis imbued with a similar puritanism, has habitually contrasted the cultures of production and consumption: the former characterised as collective, male, creative and useful, the latter individualist female, parasitic and pointless. (TAYLOR, 2002, p. 75)

Teresa Cristina Toledo de Paula também aborda o assunto, citando Lou Taylor e ressaltando que o estudo de têxteis era considerado um assunto pouco digno de um homem de letras (PAULA, 2012, p. 55 apud TAYLOR, 2002, p. 46). Devido a esse fator, e também por não ser tratado como uma categoria das Belas-Artes, o estudo e a conservação dos têxteis foram considerados como algo do campo feminino – sendo assim, inferiorizado. Isto perdurou por muitos anos, e até os dias atuais é possível encontrar muitas mulheres que se dedicam a conservação e historicidade desse tipo de materialidade, imbuída na categoria da cultura material.

Destacam-se aqui três mulheres, já citadas anteriormente: María Tereza de La Luz Toca Porraz, Rita Morais de Andrade e Teresa Cristina Toledo de Paula. Tereza Toca e Teresa Cristina trabalham com o estudo e a prática da conservação têxtil; enquanto Rita Morais é estudiosa da cultura material relacionada a biografia cultural das roupas. María Tereza de La Luz Toca Porraz possui doutorado em Conservação e Restauração de Bens Culturais pela *Universitat Politècnica de València* e um de seus trabalhos de maior destaque é a execução da restauração da chamarra com que Che Guevara foi enterrado. Tive a oportunidade de conhecê-la ao assistir um curso por ela ministrado, onde essa e outras restaurações de destaque realizadas em sua carreira foram apresentadas. Deve-se valorizar uma profissional que, após tanto anos de carreira, ainda se emociona ao relatar seus trabalhos.

Rita Morais de Andrade é docente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e do Bacharelado em Design de Moda – FAV/UFG, além de pós-doutoranda do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ com o tema de pesquisa *Indumentária em museus brasileiros: apontamentos iniciais*. A sua tese *Bouè Souers RG 7091: a biografia cultural de um vestido* foi essencial para o desenvolvimento da minha monografia, por estudar a roupa enquanto fonte de informação, construindo a biografia cultural do seu objeto de pesquisa. Ademais, seu artigo “*Fascinação*”, 1909: um retrato do racismo mediado pela moda na obra de Pedro Peres evidencia a roupa como descrição social de um período e de uma situação social, retomando o entendimento do vestuário enquanto fonte informacional.

Por fim, Teresa Cristina Toledo de Paula é doutora pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na área de Tecidos no Brasil, pós-graduada em Conservação-Restauração de têxteis pelo *The Textile Conservation Centre* e

2 Male academic world of ‘real’ history (termo original usado pela autora).

especialista em Conservação-Restauração no Museu Paulista – USP, sendo uma das conservadoras-restauradoras de têxteis mais reconhecidas no Brasil. Ela reitera um preconceito de gênero presente nas investigações relacionadas à roupa em algumas de suas publicações, sendo aqui prioritariamente citado o artigo *A gestão das coleções têxteis nos museus brasileiros: desafios e perspectivas*, bem como a publicação *Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções*, resultado do seminário homônimo, uma relevante fonte de pesquisa e referência para todos que trabalham no campo dos estudos têxteis.

Percebe-se assim que a consistente pesquisa e o expressivo trabalho prático executado pelas mulheres do campo dos têxteis gradualmente modifica a visão negativa sobre esse tipo de investigação, reafirmando os tecidos como complexo objeto de análise da sociedade.

PRESERVAÇÃO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO: MULHERES ENTRE A TEORIA, A PRÁTICA E A DOCÊNCIA

No contexto da teoria, os mais conhecidos nomes da conservação e da restauração são homens: Eugène Viollet-le-Duc em *Restauração*; John Ruskin em *A lâmpada da memória*; Camillo Boito em *Os restauradores*; Cesare Brandi em *Teoria da Restauração*; e Salvador Muñoz-Viñas em *Teoria contemporânea da Restauração*. É inegável a importância desses homens do campo do patrimônio, em especial para a área de conservação e restauração. Algumas mulheres atualmente começam a teorizar sobre o assunto, dentre elas Barbara Appelbaum e seu *Conservation treatment methodology*, livro de considerável expressão, publicado em 2007, mas que até o momento não foi traduzido para o português.

No contexto nacional, Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, Milagros Vaillant Callol e Solange Sette Garcia de Zúñiga são absolutamente reconhecidas. Maria Luísa é doutora em Conservação e Restauração do Patrimônio Histórico pela *Universitat Politècnica de València* e professora de conservação de papel no curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), sendo uma das pioneiras na área no Brasil, além de ser uma das primeiras professoras da graduação no Rio de Janeiro.

Milagros Callol era doutora na área de química pela *Academia de Ciencias de Hungría* e possui um trabalho impar no campo da biodeterioração do patrimônio documental, com destaque para a publicação bilingue publicada em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) intitulado *Principios básicos de la conservación documental y causas de su deterioro*.

Solange Zúñiga era doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ) e mestre em Science in Library Service pela Columbia University. Além disso, foi professora do MAST e possuía uma carreira consolidada na área de pesquisa e preservação documental. Milagros e Solange faleceram em meados dos anos 2000, perpetuando um legado relevante e necessário.

Um ponto importante no trabalho dessas mulheres foi e é a dedicação ao tra-

balho prático, à restauração, enquanto campo que versa na teoria e na prática, produzindo profissionais que necessariamente circulam nos dois campos. Entre a teoria, a prática e a docência, participaram de projetos interdisciplinares que reuniram as três vertentes e mostraram-se profissionais capacitadas de realizar diversas atividades de grande relevância ao meio.

MUSEOLOGIA: CAMPO DAS MULHERES

O campo da museologia nacional pode ser considerado um campo de mulheres, visto que é evidente a ocupação feminina nessa área, especificamente entre trabalhadoras e estudiosas no curso de museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Trata-se do primeiro e mais antigo curso do Brasil, criado no âmbito do Museu Nacional (RJ) em 1932, e na época chamado de “Curso de Museus” (RANGEL, 2011, p. 303). Nele, as mulheres eram e ainda são maioria. Segundo Ivan Coelho de Sá, museólogo e professor do curso de museologia na UNIRIO, nos “85 anos de funcionamento ininterrupto, o Curso de Museologia formou cerca de 1.770 museólogos, dos quais 336 são homens e 1.434 são mulheres” (SÁ, 2017, p. 2 apud OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 66 e 67).

[...] há efetivamente um protagonismo das mulheres no campo museal brasileiro. Esse protagonismo é evidente na formação em museologia, no mercado de trabalho, na implantação dos museus, na mobilização e associativismo da classe museológica e no processo de regulamentação da profissão de museólogo. Entretanto, a museologia brasileira ainda não produziu um corpo teórico extenso e reflexivo, ao menos publicado, sobre gênero e feminismo. (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 65 e 66)

Essa maioria de museólogas e estudantes da área contrasta com os acervos e artistas presentes nos museus. Tal condição é demonstrada pelas estatísticas do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e denunciadas pela obra do coletivo Guerrilla Girls, exposta na instituição em 2017, que mostrou que apenas 6% dos artistas do acervo do MASP são mulheres, enquanto 60% dos nus são femininos. Tal situação nos faz pensar na posição da mulher dentro dos espaços museológicos. Ocupam o local das trabalhadoras, mas muitas vezes não são verdadeiramente reconhecidas. O museu é formado por mulheres, mas seus acervos são feitos por homens. Quando o nome de uma mulher aparece, em muitos casos, é vinculado ao de um homem. A mulher, normalmente, não é protagonista.

No caso específico da museologia, as mulheres estão em um processo crescente de reconhecimento. Waldisa Rússio Camargo Guarneri, uma das mulheres aqui comentadas e abordadas, é a única que possui uma página na Wikipédia³. Além disso, ela é tema do Projeto Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, intitulado “O Legado Teórico de Waldisa Rússio Camargo

2 https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldisa_Rússio

Guarnieri", coordenado por Viviane Panelli Sarraf, iniciado em 2017 e ainda ativo. O projeto gera não apenas levantamento de conteúdos, mas também apresentações de trabalhos, desdobramentos de pesquisas e orientações acadêmicas.

Manuelina Maria Duarte Cândido, Maria Cristina Oliveira Bruno e Marília Xavier Cury possuem um riquíssimo e elevado reconhecimento acadêmico. Cabe ressaltar que Maria Cristina Bruno construiu e participou do projeto museológico e assinou o plano museológico do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo, instituição construída no local sede do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – Deops/SP, entre 1940 a 1983, que tem como missão:

[...] a pesquisa, a salvaguarda e comunicação de referências das memórias da resistência e da repressão políticas do período republicano brasileiro, tendo como sede o edifício que abrigou o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo – Deops/SP, de forma a contribuir para a reflexão crítica acerca da história contemporânea do país e para a valorização de princípios democráticos, do exercício da cidadania e da conscientização sobre os direitos humanos. (BRUNO; ARUDA; FIGOLS, 2010, p. 47)

Manuelina Maria Duarte Cândido e Marília Xavier Cury são estudiosas do campo e lançaram publicações essenciais, quase regimentos museológicos, sendo a de Manuelina o livro *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento* (2013, Medianiz); e de Marília Xavier Cury o livro *Exposição - Concepção, Montagem e Avaliação* (ANNABLUME, 2006). Todas também estão presentes na carreira acadêmica, ocupando vagas de docentes de cursos relacionados à museologia – no caso de Manuelina, no Brasil e também no exterior.

CONCLUSÃO

A escolha por mulheres que são reconhecidas em seus espaços, como já explicitado, não foi aleatória. Mas um ponto crucial ainda não foi comentado: o seu reconhecimento é, muitas vezes, limitado ao próprio campo. Aqui, objetivamos o seu reconhecimento também em macro espaços sociais, onde é imprescindível a sua valoração como estudiosas, trabalhadoras e pesquisadoras.

As mulheres ocupam as bases da cadeia de execução, de investigação e estudo, mas nem sempre são reconhecidas. Sabe-se que nas áreas de exatas e biológicas, mulheres não são a maioria. Na engenharia elétrica, por exemplo, o número de mulheres pesquisadoras era de 13 para 269 homens. Na enfermagem, a maioria feminina (165 mulheres para 8 homens) revela a posição dada da “mulher cuidadora”. Já na medicina, área com mais reconhecimento, a proporção é de 205 mulheres para 333 homens.

Como esperado, as humanidades, artes e serviço social são ocupadas prioritariamente por mulheres. Tal situação é agravada por uma constante desvalorização dessas áreas, em um sistema capitalista que as condena como “não financeiramente estáveis” e “inferiores aos campos que realmente importam”, desconsiderando que

a Filosofia, por exemplo, é a base da construção de sociedade que conhecemos. O estudo das humanidades permite o desenvolvimento de outras áreas, compreendendo nossos interesses, características e necessidades.

Aqui cabem, então, duas lutas interligadas: reconhecer as mulheres pesquisadoras e trabalhadoras, bem como valorizar as investigações e práticas no campo do patrimônio e da cultura material. A engenharia é definida como a “aplicação de métodos científicos ou empíricos à utilização dos recursos da natureza em benefício do ser humano” (ZAKON, 2003, p. 7), e só é possível saber o que precisamos e queremos através de estudos de nossa sociedade; nosso passado, costumes e interesses. Tais questões são parte de investigações sociológicas, históricas e antropológicas. Ou seja, os estudos não estão somente interligados, mas possuem utilidades e funções específicas em nossa vida. Todas as pesquisas têm relevância e valorizar uma em detrimento de outra não acrescenta, nem auxilia em nosso processo evolutivo.

A investigação realizada para esse capítulo revelou um bom número de mulheres do campo do patrimônio e da cultura material que estão em ação. Foram reunidas apenas dez, de acordo com as regras de publicação. Tal revelação é animadora e abre caminhos para um futuro equalitário. Que tal situação perdure, principalmente em um momento de consideráveis retrocessos em nossos direitos. E que nós, mulheres pesquisadoras e trabalhadoras, continuemos assumindo as rédeas de nossos interesses e curiosidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de; FIGOLS, Francisca Aida Barboza. *Plano Museológico do Memorial da Resistência de São Paulo*. Associação Pinacoteca Arte e Cultura: Pinacoteca do Estado, 2010.
- FERREIRA, Ivanir. *Desequilíbrio de gênero afeta mulheres cientistas no Brasil*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/desequilibrio-de-genero-afeta-mulheres-cientistas-no-brasil/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.
- OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. *Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil*. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC/SP*, v. 1, n 05, p. 61-77, 2017.
- PAULA, Teresa Cristina Toledo de. *A gestão das coleções têxteis nos museus brasileiros: desafios e perspectivas*. In: *Actas do I Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro*. Porto: Editora da Universidade Católica do Porto, 2012. v. 1. p. 52-62.
- RANGEL, Marcio. *A cidade, o museu e a coleção*. *Liinc em Revista*, v. 7, p. 301-310, 2011.
- TAYLOR, Lou. *The Study of Dress History*. Manchester: Manchester University Press, 2002.
- TRIGO, Maria Hilda. *Guerrilla Girls: mulheres e museus*, v. 4, n. 3, 2018. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/contemporanea/guerrilla-girls-mulheres-e-museus-v-4-n-3-2018/>>. Acesso em 04 mar. 2019.
- ZAKON, Abraham. *Algumas diferenças entre cientistas, engenheiros, técnicos e tecnólogos*. *Jornal ADUFRJ - Seção Sindical*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 jul. 2003.